

QUINTA-FEIRA • 27 DE OUTUBRO DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31202
de 27 de Outubro de 2016, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}
α**A**

REPORTAGEM

UM JARDIM DO SONO A FLORESCER

**CEMITÉRIO MUNICIPAL
DE MONCHIQUE**

— P. 3-5 —

PAPA FRANCISCO VISITA IRMÃOS JESUÍTAS REUNIDOS EM ROMA

O Papa Francisco visitou, esta Segunda-feira, os jesuítas reunidos na 36ª Congregação Geral, em Roma, clamando por “alegria, discernimento e misericórdia”. O Santo Padre trocou a habitual audiência formal que os membros da Congregação costumam ter após a eleição de um novo Superior Geral, por uma visita informal à Cúria geral dos Jesuítas em Roma, uma “casa” que já foi sua.

Durante o encontro, Bergoglio citou o fundador da Companhia de Jesus, Santo Inácio de Loiola, bem como as respectivas Constituições da ordem. Francisco lembrou que os jesuítas são chamados a ir de um lugar para o outro, estando disponíveis para viver “em qualquer parte do mundo onde se espera o maior serviço de Deus e a maior ajuda às almas”. O Papa convidou todos os responsáveis da ordem a “caminharem juntos, livres e obedientes, ao encontro das periferias onde outros não chegam”.

O Santo Padre, dirigindo-se aos mais de 200 companheiros jesuítas reunidos para debater o futuro da Companhia de Jesus, apontou três formas para esse mesmo caminho.

A primeira deverá passar por levar a consolação e a alegria no serviço aos outros, pois, segundo o Papa, “uma boa notícia não se pode dar com uma

cara triste”. Essa alegria, sublinhou Francisco, não deverá ser puramente decorativa, nem confundir-se com a busca de um “efeito especial”, mas antes indicar que “o amor está activo, operante e presente”.

Em segundo lugar, Bergoglio lembrou que os jesuítas devem ser agentes de misericórdia e estar próximos dos que mais sofrem. “O Senhor, que nos olha com misericórdia e nos escolhe, envia-nos a fazer chegar, com toda a sua eficácia, essa mesma misericórdia aos mais pobres, aos pecadores, aos marginalizados e martirizados do mundo actual, que sofrem a injustiça e a violência”, explicitou.

Por fim, o Papa convidou os jesuítas a avançarem movidos pelo “bom espírito”: “Este despojamento faz com que a Companhia possa ter cada vez mais o rosto, o sotaque e o modo de viver de todos os povos, de cada cultura, metendo-se no próprio coração de cada povo para fazer a Igreja com cada um, inculturando o Evangelho e evangelizando cada cultura”.

O Papa foi recebido pelo superior da Cúria, Pe. Joaquim Barrero, e pelo novo Superior Geral, Pe. Arturo Sosa, recentemente eleito para o cargo. Francisco participou ainda na oração da manhã, juntamente com os jesuítas representantes das comunidades do mundo inteiro.



Continuam os trabalhos pela definição de caminhos futuros

A Congregação Geral da Companhia de Jesus, órgão máximo de governo da Companhia, está reunida em Roma desde o dia 3 de Outubro. Nesta 36.ª Congregação Geral foi eleito o novo Superior Geral, o padre venezuelano de 67 anos Arturo Sosa. Após esta eleição e a visita papal, prosseguem os trabalhos da Congregação, pela definição de caminhos futuros,

internos e externos. Não há uma data prevista para o fim do encontro.

A Província Portuguesa é representada na Congregação Geral por dois jesuítas: o actual Provincial, Pe. José Frazão Correia, e o Pe. Miguel Almeida, que acompanha os jesuítas mais novos na segunda etapa da sua formação, em Braga.

Comunicado da Cúria dos Jesuítas em Roma, adaptado por Filipa Correia



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

23 Outubro 2016

Somos discípulos, missionários e portadores de Cristo lá onde Ele quer estar presente.

20 Outubro 2016

Busquemos estar sempre unidos a Jesus, sobretudo seguindo-o na caminho da cruz.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

22 Outubro 2016

O Deus da paz não nos deixa em paz (ir. Ângela Coelho, ASM)
#Twittomilia
Bill Viola, The Crossing, 1996.



BISPOS CATÓLICOS PREOCUPADOS COM POBREZA E DESIGUALDADE

A Comissão dos Episcopados Católicos da União Europeia vai dedicar a sua assembleia plenária de Outono ao tema da pobreza. O organismo do qual também faz parte a Conferência Episcopal Portuguesa destaca um evento que pretende alertar contra “as desigualdades sociais” no Velho Continente, e ao mesmo tempo buscar formas “individuais e institucionais” de combater este fenómeno. O encontro está a ter lugar em Bruxelas e conta com a participação de vários especialistas nesta área.



EMISSÁRIO DO PAPA LEVOU ESPERANÇA A CRISTÃOS E REFUGIADOS

O prefeito da Congregação para as Igrejas Orientais, D. Leonardo Sandri, chegou no dia 19 à Jordânia para uma visita às comunidades cristãs e aos refugiados sírios e iraquianos acolhidos pelo país. O cardeal italiano levou às pessoas uma saudação e um encorajamento do Papa Francisco. Como enviado especial do Papa, D. Leonardo Sandri transmitiu aos refugiados a proximidade da Igreja Católica e encorajou-os a “jamais perderem a esperança na ajuda de Deus” e no “futuro”.



LIVROS SENSIBILIZAM CRIANÇAS SOBRE "MENINOS ESPECIAIS"

A quarta coleção dos livros “Meninos Especiais” já foi apresentada. Os protagonistas dos livros são crianças com vários tipos de incapacidades e os textos são escritos por Isabel Stilwell, Ana Zanatti e Afonso Reis Cabral e com ilustrações de Madalena Braga, Madalena Bastos e Carla Isidro. As histórias infantis, inspiradas em casos reais, mostram como é viver com alguns tipos de atrasos e limitações. O objectivo é sensibilizar as crianças para as dificuldades de aprendizagem dos “Meninos Especiais”.

UM JARDIM DO SONO A FLORESCER

CUIDAR DOS VIVOS



ANA PINHEIRO
VÍDEO / IMAGEM



FILIPA CORREIA
FOTOGRAFIAS



FLÁVIA BARBOSA
TEXTO

Aproximam-se duas datas especiais. A Solenidade de Todos os Santos, a 01 de Novembro, e a Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, logo no dia seguinte. Por norma, os cemitérios – dos mais pequenos aos maiores – enchem-se de “vivos” e de cor. De pessoas que visitam os seus entes queridos, como todas as semanas ou meses, de pessoas que, por um motivo ou por outro, só o fazem nesta altura do ano. Os espaços fúnebres tornam-se mais coloridos, mais vivos, as sepulturas arranjadas e limpas, com flores frescas. Todos os anos é assim.

“UM JARDIM FUNERÁRIO”

Disse S. Cipriano que o Dia de Fiéis Defuntos não é dia de luto e tristeza. É dia de mais íntima comunhão com aqueles que “não perdemos, porque simplesmente os mandámos à frente”. Para nós, cristãos, “é dia de esperança, porque sabemos que os nossos irmãos ressurgirão em Cristo para uma vida nova” (Secretariado Nacional de Liturgia). Ainda assim, não é fácil perder quem amamos. Persistem as memórias, a saudade, a tristeza de não ter connosco quem

tanta falta nos faz. Também Jesus chorou pela morte do seu amigo Lázaro. Também nós choramos quando a saudade nos inunda e aperta o coração.

Esta não foi uma reportagem fácil de fazer. A meteorologia apontava aguaceiros, iríamos começar uma Segunda-feira com uma visita a um cemitério...

Não chegámos ao Cemitério Municipal de Monchique, em Guimarães, de ânimo leve. Os primeiros raios de sol espreitavam timidamente enquanto aguardávamos a chegada do Arquitecto Pedro Mendo e do Arquitecto Paisagista Daniel Monteiro.

Juntamente com a Arquitecta Maria Manuela de Oliveira, foram os responsáveis pelo projecto do espaço. Segundo eles, “o cemitério, situado na encosta Norte/Poente do monte da Penha, ocupa grande parte de uma grande quinta organizada em socalcos, divididos por muros de suporte e taludes, irrigados por várias nascentes e linhas de água”. Respeitando a paisagem, “manteve-se a estrutura topográfica do terreno original, de modo a que a intervenção estivesse mais articulada com a envolvente e ajudasse ao reforço do

conceito de parque/jardim/cemitério que se pretendia implementar”.

Parece simples. Não é. Os arquitectos juntam-se a nós. Sem pretensões, sem vaidades. Pedro chega de mochila ao ombro. Daniel tem o entusiasmo de uma criança ao ver a sua construção terminada. Mostram-nos o cemitério, explicam-nos a estrutura base, mostram documentos e plantas. Quando damos conta, estamos os cinco, como velhos amigos, num passeio por caminhos arborizados. É difícil manter as atenções na conversa quando tudo à nossa volta grita silenciosamente por atenção. As trepadeiras abundam, as folhas vermelhas, o borbulhar sereno da água que corre por todos os sítios. Os amplos passeios não deixam sequer perceber a distância que percorremos. As bétulas, os carvalhos, os ciprestes. O muro, com erva a espreitar a cada pedra. Não se ouvem carros, o barulho normal da cidade, conversas ruidosas. Há silêncio e paz. Serenidade. Deixamos as resistências para trás e deixamo-nos envolver pelo espaço. “Neste cemitério há diversas tipologias de sepultamento que, para além de assegurarem as formas tradicionais de inumação, permitem outras atitudes face à utilização do recinto fúnebre. Há uma zona de enterramento tradicional nas plataformas mais altas, junto da entrada. A seguir, a plataforma longitudinal com caimento num só

sentido, relvada, onde as sepulturas podem ser cobertas apenas com uma laje regular, simples, sem adereços. Na cota mais baixa há uma superfície a tratar como prado arborizado. Aqui, o enterramento é informal e a cada sepultura corresponde apenas uma lápide de identificação. Há também vários núcleos de enterramento especiais distribuídos pelo recinto, como o espaço de inumação infantil, uma área reservada para epidemias, vários agrupamentos que poderão vir a ser utilizados por instituições ou colectividades e espaços de inumação construídos, tais como gavetões, a cripta, jazigos enterrados e jazigos de capela”, explica sumariamente Pedro Mendo.

O Cemitério Municipal de Monchique está introduzido.

SENSÍVEL E INVISÍVEL

Nos nossos pensamentos, regressamos a Braga. Relembramos duas irmãs que todas as semanas arranjam a sepultura dos pais com todo o cuidado, toda a minúcia. Relembramos uma família de catorze irmãos que se revezam, a cada mês, para cuidar do jazigo dos pais. Alguns já deixaram pedidos solenes e expressos para ficarem sepultados no mesmo local. Lembramos outra família que apenas se dirige ao cemitério numa destas duas datas “porque sim”, porque não “fazem mais do que a obrigação” deles. E recordamos



outras tantas que nunca vão: “porque não têm tempo”, porque “é preciso fazer outras coisas com quem cá está”, porque “os pais não ligavam nada a esse tipo de coisas”. Ninguém quer ser identificado. Ouvimos e não recriminamos ninguém. Em algumas destas pessoas conseguimos perceber a dor da saudade, da perda, do luto. Somos todos católicos, mas não

somos iguais. Uns mais frágeis, outros menos, há até quem se recuse a entrar em cemitérios. Perguntamos a nós próprios: quem cuida dos vivos? Quem lhes ameniza a dor?

O Cemitério de Monchique não foi projectado a pensar apenas nos católicos. “A possibilidade de instalação de um crematório e a previsão de gavetões são aspectos da

obra que resultam da atitude inicial, de reconhecimento da diferença. O espaço dispõe de um templo multi-confessional, onde se podem realizar cerimónias fúnebres de vários credos”, explicam os arquitectos.

Em 2005, o espaço recebeu o 1.º Prémio de Arquitectura Paisagista – que distinguiu também o arquitecto paisagista Daniel Monteiro – pelas mãos da UrbaVerde - Feira dos Profissionais dos Espaços Verdes e do Equipamento Urbano. O Cemitério de Monchique foi construído pela Câmara Municipal de Guimarães e inaugurado a 23 de Outubro de 2004. O projecto de construção, com algumas paragens e interrupções, demorou cerca de 14 anos. A nível arquitectónico, o projecto coube a Maria Manuel Pinto de Oliveira e Pedro Mendo, que chegaram



a definir o espaço, pela altura da sua inauguração, como um “jardim funerário”.

Pedro tem agora 60 anos e Daniel 54. Quando realizaram o projecto “eram novitos”, dizem os dois. Foi o primeiro e único projecto “do género” dos dois. A conversa continua. O sol já nos aquece mais – está frio na encosta! – e o discurso flui livremente de parte a parte. Daniel, mais introvertido, vai saltitando pelos espaços mais informais – ainda não ocupados – tirando fotografias, sorrindo. O olhar denuncia-lhe o orgulho, já cá não punha os pés há dez anos. Pedro fala mais, pausado, sereno. Não sabemos se são amigos, se trabalham juntos, mas adivinhámos-lhes a cumplicidade, ingrediente essencial para erguer um espaço assim. Maria Manuel não está presente por motivos profissionais,

mas imaginamos o feitio semelhante, as gargalhadas, o orgulho pela obra.

“Tentámos reaproveitar os circuitos de água todos. A quinta continua por aí acima, há um circuito fechado de água, as águas vão até lá abaixo e voltam a ser bombeadas cá para cima. Fizemo-lo sobretudo pelo som, pela ambiência, por ser uma quinta e as águas circularem naturalmente pelas ledas... Quisemos que este fosse um espaço de serenidade e de «estar», como são muitos dos cemitérios anglo-saxónicos. As pessoas poderem vir para aqui sem ser em enterramentos”, continua Pedro. Caminhamos e vamos ter ao templo: multi-confessional, simples, sem iconografia. À porta, um grande espelho de água e uma enorme cruz que ofusca a belíssima vista sobre a cidade. “Sim, porque apesar de tudo, o país é católico”, remata Pedro. Lá dentro, a simplicidade que já aguardávamos, uma luz que entra por um óculo estrategicamente posicionado, um altar e um púlpito ocupam o espaço. O mármore alvo onde já terão pousado vários caixões relembra: “Requiescat in pace”.

Perguntamos: estão satisfeitos com o resultado final?

“Os paisagistas têm que esperar muitos anos para ver o resultado daquilo que fazem. Mas está a evoluir muito bem. A obra demorou muito tempo, foi uma obra pesada do ponto de vista de construção civil, por isso a terra não ficou assim tão boa quanto isso para a plantação de árvores. De modo que elas estão a crescer um bocadinho devagar, mas está um resultado bastante agradável, como espaço informal... Não é pesado!”, responde Daniel.

Com a conversa e o passeio soalheiro, já nos custa ordenar as ideias. Entretanto já passámos pelo espaço de “inunção infantil”, que ainda não parece estar a ser utilizado. Aquilo que mais temíamos – pelas sensações, pelas crianças, pelos anjos – pode bem ter sido a surpresa mais agradável de todo o espaço. Uma clareira destaca-se em todo o espaço arbóreo envolvente. Sentamo-nos, mudos, e contemplamos o círculo oval, em godo branco, que a nós se assemelha aos seixos com que as crianças tanto gostam de brincar na praia ou no rio. À volta do godo, as pequenas sepulturas, discretas, com espaço para uma vela ou flor. Os nossos sentidos já se misturam: é impossível não imaginar várias crianças brincando em círculo, aconchegadas naquele espaço. Em paz. Todo o espaço clama por paz e serenidade. Os raios de sol espreitam pelas folhas das árvores, a água que deveria borbulhar num repuxo teima em não sair,

algumas folhas caídas sobre os seixos, como se de um quarto de criança – aconchegante, mas naturalmente desarrumado – se tratasse.

ALGUMAS QUESTÕES... AS MAIS IMPORTANTES

Chegou a a hora das perguntas complicadas. Manuela não está presente, mas sabemos que fez um doutoramento sobre espaços fúnebres. Resta aos dois arquitectos responder às nossas questões – tão ignorantes, quanto complicadas – às quais não fogem e respondem com toda a simplicidade e complexidade que o espaço, ao mesmo tempo, consegue exigir. Porque é que o cemitério parece estar a ser pouco utilizado? A população reagiu bem a este cemitério? O que é que sentem passado todo este tempo?

Pedro, em voz pausada, começa por elogiar o utilitarismo do espaço e o respectivo aproveitamento. “A

questão das águas não foi pensada por acaso. Há tanques para as pessoas encherem os baldes, para lavarem as campas, regarem as plantas... O espaço também só tem um certo desnível (6% de inclinação), o menor possível, para permitir o transporte da carreta e o acesso a pessoas com deficiência. Daí este serpentear do percurso, de forma a ser mais comprido e ter menos inclinação. A ligação entre as leiras tem sempre um caminho comprido, serpenteante, ou escadas directas. Também gostaríamos de ter tido oportunidade de plantar árvores de fruto, mas é impossível, não é permitido neste tipo de espaços”, explica.

Daniel intervém para dar a sua opinião sobre o actual estado do cemitério e respectiva utilização.

“Ligado ao enterramento há uma tradição. O cemitério não é um espaço que é ocupado como um prédio novo. Há um tempo muito próprio destes

espaços”, explica. Daniel refere-se às tradições e culturas próprias do catolicismo, onde as pessoas preferem ser sepultadas junto dos entes queridos ou família. “É difícil perder hábitos...”, comenta Pedro.

Os arquitectos são unânimes na função do cemitério. Não é meramente utilitária.

“É um sítio muito bom para se ler um livro, para se olhar para a cidade, para «se estar», independentemente de vir ou não visitar alguém. É um sítio óptimo para «se estar», calmamente, porque tem muitos sítios à margem daqueles que foram pensados para inumação, foram pensados para pensar na vida ou ler um livro... é um complemento à parte de vir cá visitar alguém. O que eu acho é que não é obrigatório vir cá visitar alguém para se visitar o cemitério e para se «estar», afirma Pedro. Já há algum tempo que, apesar do respeito e pesar, nos esquecemos de que estamos num cemitério.

“Por isso também existiu a preocupação de que o Pedro falava há bocado, de tentar aliviar um pouco o espaço, transformando-o num espaço de estadia, de passeio, integrando aquilo que tradicionalmente é sempre visto de uma forma pesada, que é o cemitério, ver os mortos... numa forma mais leve da vida. Não é aquela coisa do «é tudo muito bonito e tudo muito cor-de-rosa», mas de facto é uma das partes que nós não conseguimos retirar da vida de todos nós. É esta, a morte. E deixando alguém para trás, é bom que as pessoas quando vêm visitar os mortos não tenham sempre um peso grande. É bom verem que os seus entes queridos, que estão aqui enterrados, estão num sítio bonito. É bom que isso lhes alivie

também a vida, que não seja sempre uma coisa muito pesada”, diz.

A CRIAÇÃO NO SEU ESPLendor

Aproveitamos e perguntamos sobre os materiais brutos, sobre a pedra, o mármore, o capoto, o granito... Como se fundem com a espiritualidade?

“Nós esperamos que esses materiais acabem por se transformar em espiritualidade. Há na espiritualidade uma parte muito grande que é a forma como nós percebemos aquilo que nos rodeia. Podemos ser cegos a isso, passar sempre por cima de tudo e de todos, e aí a espiritualidade será sempre um bocadinho fraca, não é? Neste caso, acho que tem a ver com a criação dos espaços, a forma que lhes damos, e a tentativa que tivemos – cada um dirá se conseguiu ou não – de transmitir através da composição dos muros, da textura, da cor, das trepadeiras ou das árvores, uma sensação que esperamos que seja agradável”, explica Daniel.

“O que também é agradável é o cemitério ser este sítio onde é possível fazer-se não só este tipo de conversa mas também este género de passeio, sem que seja excessivamente pesado. O maior cemitério da Europa, que é em Hamburgo, tem um aspecto assim, só que tem muitos mais anos, por isso as árvores são muito mais frondosas, os caminhos serão dimensionados de forma mais generosa. Aqui temos uma característica de Portugal, temos esta organização em socalco, mais pequenina, à nossa escala, no fundo”, relembra o paisagista.

Pedimos três palavras para descrever o cemitério. A resposta é rápida.

“Não consigo. Um cemitério é um local onde depositamos tantas coisas que não queríamos ter depositado... Não estou a referir-me às pessoas em si, mas às memórias, sobretudo a elas, por isso não há três palavras que definam o cemitério, muito menos este, porque é a memória de populações inteiras que vai ser guardada aqui, não é? Guardada... quer dizer, vão ter aqui uma «chama-piloto» que faz com elas voltem”, conclui.

As nossas chamadas lá estão. Todos os dias. À espera de serem reacesas, proximamente ou à distância. No jardim, um sobreiro intocado. Nascido pela criação, aguarda o seu fim, serenamente: nunca foi podado, tocado, transformado. Se Deus quiser, morrerá ali, daqui a muitos e muitos anos, no mesmo sítio onde nasceu. Até então, serve de abrigo aos mais frágeis, aos mais doridos, a todos nós.



“PORQUE NASCERAM DA RESSURREIÇÃO, SÃO FILHOS DE DEUS”

XXXII DOMINGO
COMUM C

ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO DISCÍPULO
MISSIONÁRIO
Comunhão

CARACTERÍSTICA
Comunhão na esperança da ressurreição

CONCRETIZAÇÃO: A nossa vida traz-nos encargos, responsabilidades e canseiras; também sentimos, por vezes, as oposições e a força das diferenças. A nossa fé dá-nos perspectivas novas e a esperança da comunhão que nos vai fazendo viver na tensão para a unidade com os outros em Deus. Para significar esta abertura à certeza da palavra definitiva trazida pela ressurreição de Jesus Cristo, propomos um arranjo floral frondoso no qual predomine a cor branca.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Eu venho, Senhor*, A. Cartageno
- **APRES. DONS:** *Troquemos o instante pelo eterno*, T. Sousa
- **COMUNHÃO:** *Em Vós, Senhor, está a fonte da vida*, Az. Oliveira (IC, p. 436; NRMS 67)
- **FINAL:** *Vamos em paz e alegria*, Az. Oliveira (IC, p. 584; NRMS 73-74)

EUCOLOGIA

Orações do Domingo XXXII do Tempo Comum (*Missal Romano*, p. 426).
Prefácio dos Domingos do Tempo Comum VI (*Missal Romano*, p. 481).
Oração Eucarística I (*Missal Romano*, p. 515ss).

MISSÃO

Durante esta semana vamos ter como tema de conversa na família e com os amigos a nossa fé e a nossa esperança em Jesus Ressuscitado.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I 2 MAC 7, 1-2.9-14

Leitura do Segundo Livro dos Macabeus

Naqueles dias, foram presos sete irmãos, juntamente com a mãe, e o rei da Síria quis obrigá-los, à força de golpes de azorrague e de nervos de boi, a comer carne de porco proibida pela Lei judaica. Um deles tomou a palavra em nome de todos e falou assim ao rei: “Que pretendes perguntar e saber de nós? Estamos prontos para morrer, antes que violar a lei de nossos pais”. Prestes a soltar o último suspiro, o segundo irmão disse: “Tu, malvado, pretendes arrancar-nos a vida presente, mas o Rei do universo ressuscitar-nos-á para a vida eterna, se morrermos fiéis às suas leis”. Depois deste começaram a torturar o terceiro. Intimidado a pôr fora a língua, apresentou-a sem demora e estendeu as mãos resolutamente, dizendo com nobre coragem: “Do Céu recebi estes membros e é por causa das suas leis que os desprezo, pois do Céu espero recebê-los de novo”. O próprio rei e quantos o acompanhavam estavam admirados com a força de ânimo do jovem, que não fazia nenhum caso das torturas. Depois de executado este último, sujeitaram o quarto ao mesmo suplício. Quando estava para morrer, falou assim: “Vale a pena morrermos às mãos dos homens, quando temos a esperança em Deus de que Ele nos ressuscitará; mas tu, ó rei, não ressuscitarás para a vida”.

SALMO RESPONSORIAL SALMO 16 (17)

Refrão: Senhor, ficarei saciado, quando surgir a vossa glória.

LEITURA II 2 TES 2, 16 – 3, 5

Leitura da Segunda Epístola do apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses

Irmãos: Jesus Cristo, nosso Senhor, e Deus, nosso Pai, que nos amou e nos deu, pela sua graça, eterna consolação e feliz esperança, confortem os vossos corações e os tornem firmes em toda a espécie de boas obras e palavras. Entretanto, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague rapidamente e seja glorificada, como acontece no meio de vós. Orai também, para que sejamos livres dos homens perversos e maus, pois nem todos têm fé. Mas o Senhor é fiel: Ele vos dará firmeza e vos guardará do Maligno. Quanto a vós, confiamos inteiramente no Senhor que cumpris e cumprireis o que vos mandamos. O Senhor dirija os vossos corações, para que amem a Deus e aguardem a Cristo com perseverança.

EVANGELHO LC 20, 27.34-38

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, aproximaram-se de Jesus alguns saduceus – que negam a ressurreição – e começaram a interrogá-l’O. Disse-lhes Jesus: “Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento. Mas aqueles que forem dignos de tomar parte na vida futura e na ressurreição dos mortos, nem se casam nem se dão em casamento. Na verdade, já não podem morrer, pois são como os Anjos, e, porque nasceram da ressurreição, são filhos de Deus. E que os mortos ressuscitam, até Moisés o deu a entender no episódio da sarça ardente, quando chama ao Senhor «o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob». Não é um Deus de mortos, mas de vivos, porque para Ele todos estão vivos”.



RESSUSCITA

REFLEXÃO

O Trigesimo Segundo Domingo (Ano C) enquadra-se na temática dos dias precedentes (Solenidade de Todos os Santos e Comemoração dos Fiéis Defuntos): é uma questão de ressurreição, de vida após a morte. São noções difíceis, que se complicam quando se procura explicar apenas com base em critérios e métodos humanos. Não é mais adequado deixarmo-nos envolver pelo testemunho dos crentes que nos precederam? No século segundo antes de Cristo, os Mártires de Israel resistiram até à morte, em nome da fé (primeira leitura). Paulo fala da consolação e da esperança que brotam da fé (segunda leitura). A nossa meta é contemplar a “face” de Deus (salmo). Por conseguinte, não embarquemos na casuística dos saduceus (evangelho): se acreditamos que Jesus Cristo ressuscitou, então, por ele e nele, temos a vida.

“Ressuscitar-nos-á para a vida eterna”

O Segundo Livro dos Macabeus situa-se no período histórico que vai do ano 175 ao ano 161 antes de Cristo. Trata-se da maior crise do judaísmo depois do exílio e antes da destruição do Templo pelos romanos: a helenização forçada e a profanação do Templo de Jerusalém. É verdade que os primeiros governantes de cultura grega souberam dominar os judeus respeitando as tradições; mas o mesmo não aconteceu com os Seléucidas.

O fragmento proposto para primeira leitura narra o martírio de uma mãe e dos seus sete filhos, que se negam a comer carne de porco proibida pela Lei de Moisés. Estes mártires proclamam que a fé tem mais valor do que a vida.

A crença na ressurreição é uma doutrina tardia na fé judaica (talvez por volta do segundo século antes de Cristo). Entretanto, a esperança na comunhão escatológica transforma-se em comunhão já na vida presente. Confirma-o o testemunho dos mártires macabeus. Desta forma, a existência humana supera o seu aspeto meramente biológico e abre-se a uma dimensão “eterna”. A morte por causa da Lei garante-a: “Ressuscitar-nos-á para a vida eterna”.

“A palavra «vida eterna» [...] é uma expressão insuficiente, que cria confusão. Com efeito, «eterno» suscita em nós a ideia do interminável, e isto nos amedronta; «vida», faz-nos pensar na existência por nós conhecida, que amamos e não queremos perder, mas que, frequentemente, nos reserva mais canseiras que satisfações, de tal maneira que se por um lado a desejamos, por outro não a queremos. A única possibilidade que temos é procurar sair, com o pensamento, da temporalidade de que somos prisioneiros e, de alguma forma, conjecturar que a eternidade não seja uma sucessão contínua de dias do calendário, mas algo parecido com o instante repleto de satisfação, onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade. Seria o instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo – o antes e o depois – já não existe. Podemos somente procurar pensar que este instante é a vida em sentido pleno, um incessante mergulhar na vastidão do ser, ao mesmo tempo que ficamos simplesmente inundados pela alegria” (Bento XVI, Carta Encíclica sobre a esperança cristã, 12).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Preparação penitencial

Sugere-se a oração da confissão, fazendo apelo a que seja rezada de forma muito meditada.

Profissão de fé

Podemos chamar a atenção para a expressão do credo que se refere à fé na vida eterna.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos em Cristo: Apresentemos a Deus as nossas súplicas por nós próprios, pela Igreja e em favor de todas as pessoas, dizendo (ou cantando), com humildade:

R. Senhor, vinde em nosso auxílio.

- 1.** Pela nossa Arquidiocese de Braga e suas comunidades, pelos fiéis que crêem na ressurreição e pelos que têm plena confiança no Senhor, oremos.
- 2.** Pelos que trabalham pela concórdia entre as nações, pelos que sofrem por amor da lei de Deus e pelos que não têm liberdade religiosa, oremos.
- 3.** Pelas vítimas da violência e da guerra, pelos que sentem a solidão e a tristeza, e pelos que crêem na fidelidade do Senhor, oremos.
- 4.** Pelos esposos que se amam um ao outro, pelos que deixaram morrer o seu amor e pelos jovens que escolheram o celibato, oremos.
- 5.** Por todos nós que viemos celebrar a fé na ressurreição e nos sentimos convidados a crescer na contemplação da fé como Maria e com Maria, oremos.
- 6.** Pelos que entre nós sabem aceitar os outros, pelos que cumprem os mandamentos do Senhor e pelos que amam a Cristo nos mais pobres, oremos.

Senhor, que inspirastes aos sete irmãos Macabeus uma tão grande fé na vida eterna, concedei aos fiéis da santa Igreja a graça de testemunharem, neste mundo, a ressurreição de vosso Filho Jesus Cristo. Ele que vive e reina por todos os séculos dos séculos.

ADMONIÇÃO FINAL

Celebrámos a fé na ressurreição do Senhor Jesus Cristo! A nossa vida real vai continuar, mas a certeza da presença do Senhor está garantida. Apenas teremos que estar abertos na esperança, para que a maravilhosa acção da Graça encontre em nós o ambiente mais favorável. Deixemos que a luz desta Eucaristia nos ilumine no momento a momento da nossa actividade diária.

BÊNÇÃO

Bênção solene para o Tempo Comum IV (*Missal Romano*, p. 561).





COLUNATA DO SAMEIRO ACOLHE MAGUSTO



No Dia da Comunidade do Sameiro, 6 de Novembro, realiza-se um Magusto na Colunata do Sameiro, pelas 17h30. As receitas obtidas destinam-se ao financiamento da pintura do interior da Basílica do Sameiro.

“O magusto é um momento de convívio, um espaço de festa e partilha, onde também se criam laços. É bom para convivermos, para nos sentirmos irmãos, família, unidos em fraternidade. E, claro, para nos confessarmos devotos a Nossa Senhora do Sameiro”, explica o Cônego José Paulo Abreu, director

do Museu Pio XII — um dos locais onde podem efectuar-se as inscrições. Antes do magusto, às 16h15, serão celebradas vésperas, em memória dos “irmãos que já partiram”, seguindo-se a eucaristia solene, às 16h30. As inscrições, de “cinco castanhas”, são obrigatórias e podem ser realizadas até ao dia 3. Para além do Museu Pio XII (geral@museupioxii.com), a Casa das Estampas do Sameiro (casadasestampas@arquidiocese-pt) e os Serviços Centrais da Arquidiocese (geral@arquidiocese-pt) são os locais onde pode efectuar a sua inscrição.

CICLO "MISSÃO NA PRAÇA" REGRESSA A BARCELOS

O ciclo de tertúlias “Missão na Praça” regressa com a sua quarta edição. “Um filme, uma provocação” é o tema do ciclo deste ano, composto por quatro sessões que consistem na visualização de um filme sobre um tema da actualidade, seguindo-se o debate sobre o assunto em análise.

A primeira tertúlia está agendada para as 21h00 do próximo Sábado, dia 29, no Centro Espírito Santo e Missão

(Seminário da Silva), em Barcelos. O filme “Dos Homens e dos Deuses”, que retrata a história do massacre de monges católicos ocorrido na Argélia em 1996, será o primeiro a ser exibido, ao qual se segue o debate moderado pelo Pe. Miguel Miranda.

Ainda este ano haverá uma sessão no dia 19 de Novembro, estando as restantes agendadas para os dias 25 de Fevereiro e 29 de Abril do próximo ano.



AGENDA

29.10.2016

ENCONTRO DE NAMORADOS

09h30 / Sameiro

30.10.2016

CABAQUEIRA EM FAMÍLIA: TEMPO DE CASAL

17h00 / Centro Académico de Braga

31.10.2016

CONCERTO “VIAGEM AO SOM DA PERCUSSÃO E GUITARRA”

09h30 / Conservatório Gulbenkian

06.11.2016

MAGUSTO

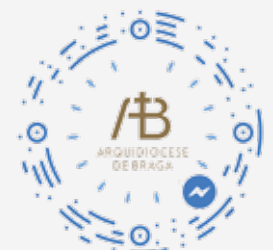
17h30 / Colunata do Sameiro



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o bispo auxiliar de Braga D. Nuno Almeida.



Fale connosco no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



TRADUÇÃO
DE MARIA
PERNAS

**DESCOBRIR
A MISSA**

Este é um livro de apoio para ajudar as crianças e os adolescentes a entenderem, celebrarem e viverem a Missa. Ao longo de quase cem páginas é possível encontrar vários elementos que incluem encontros formativos, trabalhos manuais, figuras para recortar e muitas outras actividades.

Editada pela Paulus, a edição original é da “Editrice Elledici” e a tradução em português de Maria do Rosário de Castro Pernas. Os desenhos e projecto gráfico são de Franca Vitali.

PVP
14,90 €

10% *
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 27 de Outubro a 3 de Novembro de 2016.